

ANJOS NO NOVO TESTAMENTO

*Augustus Nicodemus Lopes**

RESUMO

Os cristãos primitivos não eram o único grupo religioso do período apostólico que cria em anjos. Os principais ramos do judaísmo e as religiões pagãs de mistério criam da mesma forma na sua existência. Este artigo discute de maneira breve o que o Novo Testamento tem a dizer sobre a existência, a presença e atividade dos anjos. Após analisar as principais palavras e conceitos do Novo Testamento, o autor explica o uso que cada livro faz de cada um desses termos. Também oferece uma explicação para as passagens sobre anjos que são conhecidas como difíceis, como, por exemplo, “por causa dos anjos”, em 1 Co 11.10. Um ponto que recebe tratamento especial é o suposto envolvimento de anjos na batalha espiritual, de acordo com Apocalipse 12.

PALAVRAS-CHAVE

Novo Testamento; Anjos; Angelologia; Apóstolo Paulo; Espíritos.

1. A CRENÇA EM ANJOS NO NOVO TESTAMENTO

Os cristãos não eram o único grupo do primeiro século que acreditava na existência de anjos. A maioria das seitas do judaísmo, berço do cristianismo, professava a crença nesses mensageiros celestes, à exceção provável dos saduceus (At 23.8). O interesse dos judeus por anjos havia crescido de forma notável durante o período intertestamentário, quando o segundo templo foi construído, após o retorno do cativo babilônico. É provável que esse aumento de interesse pelos anjos tenha ocorrido como resultado da ênfase nesse período à idéia de

* O autor é mestre em Novo Testamento e doutor em Hermenêutica e Estudos Bíblicos (Ph.D.). É chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professor visitante do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É também pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro, em São Paulo.

que Deus havia se distanciado do seu povo, já que não mais havia profetas. A ausência de profetas, os mensageiros oficiais de Deus ao seu povo, provocava a necessidade de outros mediadores da vontade divina. Os anjos vieram ocupar esse espaço no judaísmo do segundo templo. O aumento do interesse pelo mundo celestial e pelos seus habitantes, os anjos, nota-se nos escritos judaicos produzidos antes ou logo após o nascimento do cristianismo. Exemplos dessa tendência se percebem em alguns livros apócrifos (4 Esdras 2.44-48; Tobias 6.3-15; 2 Macabeus 11.6). O mesmo se vê em alguns dos escritos dos sectários do Mar Morto achados nas cavernas do Wadi Qumran, como o rolo da Batalha entre os Filhos das Trevas e os Filhos da Luz. Alguns dos escritos produzidos pelo movimento apocalíptico dentro do judaísmo, mais que os escritos de outros movimentos, enfatizavam o ministério dos anjos (1 Enoque 6.1ss; 9.1ss). O interesse pelos anjos se nota até mesmo nos escritos rabínicos datados a partir do século 3º (com exceção da Mishnah), que possivelmente representam a linha principal do judaísmo no período do segundo templo.

Fora das fronteiras do judaísmo, a crença em anjos encontrava-se não somente nas religiões que fervilhavam no mundo greco-romano, mergulhado no misticismo helênico, como também nas obras de famosos filósofos e escritores gregos, como Sófocles, Homero, Xenofonte, Epicteto e Platão. A biblioteca de Nag Hammadi, descoberta no século passado (1945) nas areias quentes do deserto egípcio, apresenta material gnóstico datado do 4º século, com uma elaborada angelologia em que a distância entre Deus e os homens é coberta por trinta “archons”, seres intermediários, possivelmente anjos, que guardam as regiões celestes. Os “Papiros Mágicos” desta coleção contém fórmulas para atrair os anjos. Embora datando do século 4º, esses escritos possivelmente refletem crenças que já estavam presentes de forma incipiente no mundo greco-romano desde antes de Cristo. Em contraste com os escritos produzidos em sua época, a literatura do Novo Testamento é bem mais discreta e reservada em seus relatos da atividade angélica.

2. PALAVRAS MAIS COMUNS PARA “ANJOS” NO NOVO TESTAMENTO

A palavra mais usada no Novo Testamento para “anjo” é *aggelos*, que é a tradução regular na Septuaginta da palavra hebraica *mala'k*. Ambas significam “mensageiro”. *Aggelos* é usada umas poucas vezes no Novo Testamento para mensageiros humanos, como por exemplo os emissários de João Batista a Jesus (Lc 7.24; ver ainda Tg 2.25 e Lc 9.52). Na maioria esmagadora das vezes, a palavra refere-se aos mensageiros de Deus, que povoam o mundo celeste e assistem em sua presença. *Aggelos* é usada tanto para os anjos de Deus quanto para os anjos maus.

Existem outros termos no Novo Testamento para se referir aos anjos que somente Paulo emprega: “principados e potestades”. Em duas ocasiões

é usado em referência aos demônios (Ef 6.12; Cl 2.13) e em três outras aos anjos de Deus (Ef 3.10; Cl 1.16; 1 Pe 3.22). Em todos os casos, referem-se ao poder e à hierarquia que existe entre esses espíritos. Uma outra palavra usada no Novo Testamento para anjos é *pneuma*, geralmente no plural (*pneumata*), que se traduz por “espíritos”. Embora o termo seja empregado geralmente para os anjos maus e decaídos (quase sempre qualificado pelo adjetivo “imundo”, cf. Mt 12.43; Lc 4.36; At 8.7), é usado pelo menos uma vez para os anjos de Deus como sendo “espíritos ministradores” (Hb 1.14). Alguns estudiosos têm sugerido que “espíritos” também se refere a anjos em outras passagens em que aparece a palavra *pneumata*, como, por exemplo, 1 Co 14.12. Nesse versículo, o apóstolo Paulo aprova e incentiva o desejo dos membros da igreja por *pneumata*, expressão quase que universalmente traduzida como “dons espirituais”, devido ao contexto. De acordo com E. Earle Ellis, Paulo na verdade não se refere a dons espirituais, mas aos anjos que estavam presentes aos cultos (1 Co 11. 10). Sua tese é que existe uma relação estreita entre as manifestações sobrenaturais que estavam acontecendo na igreja de Corinto e o ministério angélico. Tais manifestações, ou parte delas, não eram produzidas pelo Espírito Santo, e nem também por espíritos malignos, mas por esses espíritos bons. Outras passagens em que “espíritos” significa “anjos”, segundo Ellis, são 1 Co 14.32; 1 Jo 4.1-3 e Ap 22.6.¹ Embora essa sugestão seja interessante e provocativa, fica difícil ver como “espíritos” produtores de dons espirituais se encaixam no contexto de 1 Co 14.12 e no ensino de Paulo de que os dons são dados pelo Espírito Santo. O uso de *pneumata* em 1 Co 14.12 (bem como nas demais passagens mencionadas acima) pode ser explicado à luz de 1 Co 12.7, onde Paulo afirma que há diferentes manifestações do Espírito Santo. Ou seja, o mesmo Espírito manifesta-se de formas diferentes através de pessoas diferentes. Paulo refere-se a estas manifestações como “espíritos”. Elas equivalem aos dons espirituais. É difícil admitir que Paulo aprovaria um desejo dos crentes de Corinto de buscar essas entidades celestiais.

3. ANJOS NOS LIVROS DO NOVO TESTAMENTO

A presença e a atividade de anjos registradas nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) indicam invariavelmente a intervenção direta de Deus. Como mensageiros fiéis de Deus, que têm acesso à presença divina (Lc 1.19; cf. 12.8; Mt 10.32; Lc 15.10), a visita ou a intervenção de um deles equivale a uma manifestação divina. A encarnação e o nascimento de Jesus foram marcados pela presença de anjos, indicando a participação direta de Deus no nascimento do Messias (Mt 1.20; 2.13, 19; Lc 1.11; 1.26, 38). Embora os Evangelhos não registrem quase nenhuma participação direta dos anjos assis-

¹ Ver ELLIS, E. Earle. Spiritual gifts in the Pauline community. *New Testament Studies* 20 (1973-1974), p. 134.

tindo a Jesus em seu ministério (o que poderia ter ocorrido se Jesus quisesse, ver Mt 26.52), os anjos acompanharam o Senhor e se rejubilavam à medida que os pecadores se arrependiam (Lc 15.10). Nas poucas vezes em que se manifestaram visivelmente tiveram como propósito demonstrar que Jesus era amado e aprovado por Deus (Mt 4.11; Lc 22.43). Os anjos ainda participaram da sua ressurreição, da anunciação às mulheres e da anunciação aos discípulos de que Jesus haveria de voltar (Mt 28.2-5; At 1.9-11). E o próprio Jesus também mencionou várias vezes que os anjos participariam da sua segunda vinda e do Juízo Final (Mt 13.41; 16.27; 24.31).

Embora nos evangelhos a atividade dos anjos praticamente se concentre em tomo da pessoa de Jesus, ele mesmo menciona uma atividade deles relacionada aos homens: “Cuidado para não desprezarem nenhum destes pequeninos. Eu afirmo que os anjos deles estão sempre na presença do meu Pai que está no céu” (Mt 18.10, NVI). Aqui Jesus fala do cuidado vigilante de Deus pelos “pequeninos”, através dos anjos. A quem Jesus se refere como “pequeninos” tem sido debatido pelos estudiosos, já que o termo pode ser tomado literalmente (crianças) ou figuradamente (os discípulos). Talvez a última possibilidade deva ser a preferida, já que Jesus usa regularmente “pequeninos” para se referir aos discípulos, cf. Mt 10.42; 18.6; Mc 9.42; Lc 17.2. Qualquer que seja a interpretação, a passagem não está ensinando que cada crente ou criança tem seu próprio “anjo da guarda”, como era crido popularmente entre os judeus na época da igreja primitiva. Fazia parte dessa crença que o anjo “guardião” poderia tomar a forma do seu protegido (cf. At 12.15). Jesus ensina nessa passagem que Deus envia os seus anjos para assistir os “pequeninos”, e que, portanto, nós não devemos desprezar esses “pequeninos”. Esse ministério angélico para com os “pequeninos” faz parte do cuidado geral que os anjos manifestam pelo povo de Deus (cf. Sl 91.11; Hb 1.14; Lc 16.22). A passagem, portanto, não deve ser tomada como apoio para a crença popular em “anjos da guarda”.

É importante notar que o Evangelho de João faz pouquíssimas referências à atividade dos anjos, embora, segundo João, Jesus tenha dito aos seus discípulos, no início do seu ministério, que os mesmos veriam os anjos subindo e descendo sobre ele (Jo 1.51). Possivelmente essa passagem não deva ser entendida literalmente no que se refere aos anjos, mas apenas como uma alusão ao sonho de Jacó (Gn 28.12) e ao seu cumprimento na pessoa de Cristo (unindo o céu à terra). No relato joanino das boas novas, os anjos só revelam a sua presença ao lado da sepultura de Jesus (Jo 20.12).²

Esses fatos indicam que as aparições angélicas durante o período em que Jesus esteve presente fisicamente entre nós foram relativamente poucas, e quase

² Existe séria dúvida da parte de muitos especialistas em manuscritologia bíblica de que a passagem de João 5.4, que menciona a descida de um anjo para mover a água da piscina de Betesda, seja de fato autêntica, visto que não aparece nos manuscritos mais antigos importantes.

todas associadas com o seu nascimento, ministério, morte e ressurreição. Era conveniente que a vinda do Filho de Deus ao mundo fosse marcada por essa atividade angélica especial.

Apesar de a narrativa do livro de Atos abranger um período marcado por intensa manifestação sobrenatural, que foi o nascimento da igreja cristã, as aparições angélicas registradas pelo autor são relativamente poucas. Não há aparição de anjos em grupos, à exceção dos dois homens com vestes resplandecentes no local da ascensão (At 1.10-11). Nas intervenções angélicas, é sempre um único anjo que aparece, que é denominado “um anjo do Senhor” (At 5.19; 8.26; 12.7,15) ou “um anjo de Deus” (10.3; 27.23). A expressão “anjo do Senhor” não tem em Atos a mesma conotação que no Antigo Testamento, onde às vezes esse anjo é identificado com o próprio Deus. Em Atos a expressão sempre designa um mensageiro angelical. Os anjos aparecem nesse livro com a mesma função principal que no Antigo Testamento e nos Evangelhos, ou seja, trazer uma mensagem oficial da parte de Deus (At 5.19; 10.10, 22; 27.23). A isto se acresce a função protetora, pois por duas vezes um anjo do Senhor libertou apóstolos da prisão (At 5.19; 12.7). Outra missão de um anjo foi punir o rei Herodes (At 12.23), missão esta já mencionada no Antigo Testamento (cf. Êx 12.13; 2 Sm 24.17) A atividade dos anjos em Atos, além de bastante discreta, é voltada quase que exclusivamente para o progresso do evangelho. Um ponto de grande relevância para nós hoje é que ela se concentra em torno dos apóstolos (At 5.19; 12.7; 27.23) ou dos seus auxiliares, como Filipe (8.26). A única exceção foi a aparição a Cornélio (At 10.3). Mesmo assim ocorreu num ponto crucial do nascimento da igreja cristã, que foi a inclusão dos gentios. À exceção desse caso, não há registro de aparições de anjos aos crentes em geral, nem para lhes trazer mensagens de Deus, nem para protegê-los, embora certamente estivessem ocupados em desempenhar esta última função, provavelmente de forma não perceptível aos crentes.

O apóstolo Paulo é bastante ponderado no que escreve sobre os anjos, se comparado com outros autores religiosos não-cristãos da sua época. Ele emprega a palavra *aggelos* apenas catorze vezes em suas treze cartas. Paulo se refere aos anjos de Deus não tanto como mensageiros celestes ou protetores dos crentes, mas como participantes do progresso do plano de Deus neste mundo, que participaram da entrega da Lei no Sinai (Gl 3.19) e que virão com Cristo para executar juízo sobre a humanidade (2 Ts 1.7). Estes são os “anjos eleitos”, que assistem diante de Deus (1 Tm 5.2 1; cf. Gl 4.14). Uma possível explicação para a atitude reservada de Paulo é que, para ele, o Senhor Jesus é a manifestação suprema de Deus que suplanta todas as demais, e diante da qual as manifestações angélicas perdem em importância e relevância (Ef 1.21; Cl 1.16; cf. Hb 1.1-2). Em nenhum momento Paulo menciona em suas cartas encontros angélicos que porventura teve, nem encoraja os crentes a buscar tais encontros. Some-se a isso a preocupação que demonstra nas cartas com

aparições e visões de anjos. O apóstolo teme que anjos caídos, passando-se por anjos de Deus, manifestem-se em visões com o alvo de enganar os crentes. Ele menciona a possibilidade de que um anjo do céu venha pregar outro evangelho (Gl 1.8) e que Satanás apareça dissimulado de “anjo de luz” (2 Co 11.14). Ele alerta os crentes de Colossos a que não se deixem arrastar para o culto aos anjos propagado pelos líderes da heresia que ameaçava a igreja, e que se baseava em visões (Cl 2.18).

Uma passagem surpreendente sobre anjos é Gl 3.19, em que Paulo diz que a lei de Deus foi entregue ao povo de Israel por meio de anjos. Esse fato não é mencionado na narrativa da entrega da lei a Moisés no livro de Êxodo. Sua veracidade possivelmente foi aceita durante o período do segundo templo, quando os anjos receberam um lugar cada vez mais destacado na teologia do judaísmo, a ponto de serem reconhecidos como mediadores no Sinai, quando Deus entregou a lei a Moisés. O fato foi aceito como verídico por judeus cristãos como Estêvão (At 7.53), o autor de Hebreus (Hb 2.2) e Paulo. Somente que, enquanto para os judeus da sua época a presença de anjos no Sinai era algo que exaltava a glória da lei, para Paulo a presença dessas criaturas foi apenas um sinal da inferioridade da lei em comparação com o Evangelho, que havia sido trazido pelo próprio Filho de Deus, sem mediação de criaturas.

Uma outra passagem difícil de entender nas cartas de Paulo é a enigmática expressão de 1 Co 11.10: “Por esta razão, e por causa dos anjos, a mulher deve ter sobre a cabeça um sinal de autoridade”. O que tem os anjos a ver com o uso do véu nas igrejas de Corinto? A resposta está ligada a um aspecto da situação histórica específica da igreja de Corinto no século 1º, que nós desconhecemos. Havia uma idéia estranha na época de Paulo de que Gn 6.1-2 se referia a anjos que se deixaram atrair pelos encantos femininos (uma tradição rabínica acrescenta que foram os longos cabelos das mulheres que tentaram os anjos). A falta de decoro e propriedade por parte das mulheres na igreja de Corinto poderia novamente provocá-los. O mais provável é que Paulo se refira a outro conceito corrente de que os anjos bons eram guardiões do culto divino, o que exigiria decoro e propriedade por parte de todos os adoradores. Esse conceito se encaixa perfeitamente no ensino do Novo Testamento de que os anjos observam e acompanham o desenvolvimento do evangelho no mundo (ver Ef 3.10; 1 Tm 5.12; 1 Pe 1.12; Hb 1.14).

Não há menção de anjos em Tiago, e nem nas três cartas de João. Pedro menciona apenas que os anjos anelam compreender os mistérios do Evangelho (1 Pe 1.12), e que estão subordinados a Cristo (3.22). Em Judas encontramos mais uma referência enigmática aos anjos, desta feita em relação ao confronto do arcanjo Miguel com Satanás numa disputa pelo corpo de Moisés (Jd 9). Esse incidente não é narrado no Antigo Testamento, mas aparece num livro apócrifo que era bastante popular entre os judeus, chamado *A Ascensão de Moisés*. Nesse livro o autor narra que, após a morte de Moisés sozinho no

monte, Deus encarregou o arcanjo Miguel de dar-lhe sepultura. O diabo veio disputar o corpo, alegando que Moisés era um assassino (havia matado o egípcio) e que, portanto, o seu corpo lhe pertencia. De acordo com a *Ascensão*, Miguel limitou-se a dizer que o Senhor repreendesse os intentos malignos de Satanás. Embora narrado num livro apócrifo, o incidente deve ter ocorrido, e Deus permitiu que, através de Judas, viesse a alcançar lugar no cânon do Novo Testamento.

A carta aos Hebreus menciona os anjos nada menos que 13 vezes, 11 das quais nos dois primeiros capítulos, onde o autor procura estabelecer a superioridade de Cristo sobre os anjos (Hb 1.4-7,13; 2.2,15,16). A possível razão para essa abordagem foi a exaltação dos anjos por parte de muitos judeus no século 1º. O autor, escrevendo a judeus cristãos, sentiu a necessidade de distinguir a mensagem do evangelho trazida por Cristo das muitas mensagens e mensageiros angelicais que infestavam a credence popular judaica no século 1º.

É no livro de Apocalipse que temos a maior concentração de ensinamentos sobre anjos no Novo Testamento. É o livro do Novo Testamento que mais emprega a palavra *aggelos* (67 vezes). Aqui os anjos aparecem como agentes celestes que executam os propósitos de Deus no mundo, como proteger os servos de Deus (Ap 7.1-3) e aplicar os juízos divinos sobre a humanidade incrédula e impenitente (Ap 8.2; 15.1; 16.1). O Apocalipse está cheio das visões que o apóstolo João teve do céu, e os anjos aparecem como habitantes das regiões celestes, ao redor do trono divino, em reverente adoração a Deus e ao Cordeiro (Ap 5.11; 7.11), mediando ao apóstolo João as visões e as instruções divinas (Ap 1.1).

Uma questão que tem atraído o interesse dos intérpretes é o sentido da palavra “anjo” em Ap 1.20, “os anjos das sete igrejas” (cf. Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Alguns acham que João se refere aos pastores das igrejas às quais endereça as suas cartas, já que em Malaquias os líderes religiosos são chamados de anjos (Ml 2.7). Ou então refere-se aos mensageiros (*aggelos*) das igrejas que haveriam de levar as cartas às suas comunidades. O problema com essas interpretações é que a palavra *aggelos* em Apocalipse nunca é usada para seres humanos, mas consistentemente para anjos. Por esse motivo, outros, como Orígenes no século 3º, acham que João se refere a anjos reais, já que esse é o uso regular que ele faz da palavra no livro. Eles seriam os anjos de guarda de cada igreja a que João envia uma carta. A dificuldade óbvia com essa interpretação é que as advertências e repreensões das cartas seriam dirigidas a anjos, e não aos membros das igrejas. Além do mais, fica claro no final de cada carta que elas foram endereçadas aos membros das igrejas (2.7,11,17, etc.). Assim, outros estudiosos têm sugerido que os “anjos” representam o estado real de cada igreja, o “espírito” da comunidade. Essa idéia, que não deixa de ser curiosa e estranha, tem sido adotada por alguns que defendem que as igrejas têm as suas próprias entidades espirituais malignas, que se alimentam dos

pecados não tratados das mesmas.³ Fica difícil tomar uma decisão. Mas, já que é evidente que os anjos e as igrejas são uma mesma coisa nessas passagens, a interpretação que talvez traga menos dificuldades é que *aggelos* (anjos) se refere aos pastores das igrejas.

4. ANJOS EM BATALHA ESPIRITUAL

Uma outra passagem em Apocalipse que merece destaque é a que descreve uma batalha no céu travada por Miguel e seus anjos contra o dragão e seus anjos, na qual Satanás é derrotado e lançado à terra (Ap 12.7-9). A que evento histórico essa guerra celestial corresponde tem sido bastante discutido. Para alguns, refere-se à queda de Satanás no princípio, quando revoltou-se contra Deus e foi expulso dos céus. Para outros, trata-se da vitória final de Cristo, ainda por ocorrer no fim dos tempos. O contexto, entretanto, parece favorecer outra interpretação, ou seja, de que essa derrota de Satanás nas regiões celestiais corresponde à vitória de Cristo ao morrer e ressuscitar, já que ela aconteceu “por causa do sangue do cordeiro” (Ap 12.10; cf. Jo 12.31; 16.11). À semelhança do Antigo Testamento, o Novo é igualmente reservado em narrar essas pelejas celestiais, e limita-se a registrar dois confrontos do arcanjo Miguel com Satanás (Jd 9; Ap 12.7-9). Não temos condições de saber quais as razões para esses embates entre anjos, e nem com que frequência ocorrem no misterioso mundo celestial.

É digno de nota o fato de que Miguel, que no Antigo Testamento aparece como guardião de Israel, surge em Apocalipse 12.7-9 como defensor da igreja, liderando as hostes angélicas contra Satanás e seus demônios, que procuram destruir a obra de Deus. Sua área de ação não é mais o território de Israel, mas o mundo, onde quer que a igreja esteja. A constatação desse fato deveria moderar a fascinação atual de muitos pela idéia de espíritos territoriais, maus ou bons, que seriam supostamente responsáveis por determinadas regiões geográficas, e que se embatem em busca da supremacia sobre aqueles locais. É possível que as nações ou outras regiões tenham seus príncipes angélicos, bons ou maus, mas essa idéia não exerce qualquer função ou influência no ensino do Novo Testamento quanto aos anjos e à sua participação na luta da igreja contra os “principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso” (Ef 6.12). Enquanto que em Daniel os principados e as potestades aparecem relacionados com determinados territórios, no Novo Testamento eles não mais aparecem relacionados com regiões, mas com este mundo tenebroso. O conflito regionalizado do Antigo Testamento tomou caráter universal e cósmico com

³ Neuza Ilioka, por exemplo, afirma que os anjos das cartas do Apocalipse (Ap 2-3) são anjos literais que incorporam e absorvem o estado espiritual da igreja, e que alguns deles são substituídos por demônios devido à decadência espiritual da comunidade que representam. Ela baseia-se nas sugestões (sem exegese) de Walter Wink e R. Linthicum sobre Ap 2-3. Cf. *A igreja e a batalha espiritual: você está em guerra! Série Batalha Espiritual*. São Paulo: Editora SEPAL, 1994, p. 36, 39, 40-41, 67, 71.

a vitória de Cristo. O diabo e seus príncipes malignos são vistos agora como dominadores, não de determinadas regiões geográficas, mas “deste mundo tenebroso”. E os anjos agora servem aos servos de Deus, em qualquer região geográfica do planeta onde se encontrem.

ABSTRACT

The early Christians were not the only religious group that believed in angels in apostolic times. The major branches of Judaism and the pagan mystery religions would likewise believe in their existence. This article discusses briefly what the New Testament says about the existence, presence, and activity of the angels. After analyzing the main words and concepts for angels in the New Testament, the author explains how its books use each one of these terms. He also offers an explanation for the well-known difficult passages about angels, such as “because of the angels” in 1 Corinthians 11.10. One issue that receives special treatment is the alleged involvement of angels in spiritual warfare, according to Revelation 12.

KEYWORDS

New Testament; Angels; Angelology; Apostle Paul; Spirits.